

O SEMANARIO.

ORGÃO DOS INTERESSES PUBLICOS

Por semestre 5\$000.

EDITOR A. J. DO AMARAL SOBREIRA

Por trimestre 3\$600

ANNO VIII

TERCEIRA 24 DE FEVEREIRO DE 1883

N. 288

EXPEDIENTE.

Rogamos aos nossos assignantes q' se dignem mandar-nos satisfazer a importancia que se achão a dever. Esta empresa luta com sérias difficuldades, e é por este motivo somente que exige a pontualidade d'aquelles que concorrem para a sua sustentação.

Parte Religiosa

Echos do Purgatorio.

CLAMORES DAS ALMAS.

Mortaes que ainda no mundo
Desfructais a vida vossa,
Attendei e vedê hem
Se ha dôr igual á nossa !

Consolai-vos, almas santas,
Que em breve irais descaçar,
Nós vamos orar por vós,
Ouvir missas e commugar.

Nós já fomos, como vós,
Sobre a terra viaderes,
Mas agora aqui jazemos
N'esto pelago de dores !

Consolai-vos, etc.

Nossa comida—São lagrimas,
Nosso descanso—martyrio,
Nossos gosos—soffrimentos,
Nossos desejos—dilirio !

Nossa cama—é um brazeiro,
Nosso somno—são pavores,
Nossa luz—trévas escuras,
Nossos recreios—horrores !

Nossas musicas—são ais,
Nossos cantares—gemidos,
Nossos sonhos—são tormentos,
Nossas vozes—sons perdidos !

Perdidos, sim ! porque vós
Estes sons não escutais,
Não ouvis nossos gemidos,
Nossos suspiros e ais !

Esquecestes-vos de nós
Com fatal indifferença,
Da certeza d'estas penas
Nada ha que vos convença !

Mas ai ! em breve o vereis,
Quando a morte vos colher:
Se do inferno escapardes
Aqui vireis padecer !

Então vereis quanto costa
Ultrajar um Deus tão Santo,
Como se expiam delictos
N'este mar de fogo e pranto !

Oh ! mortaes ! ainda é tempo,
Ouvi nossa advertencia;
Escapai-vos d'estas penas,
Fazei ahí penitencia !

A vida bem o sabeis,
É fragil fio—delgado,
Não é mister grande esforço
Para o ver logo quebrado.

Um accidente, um desmaio,
Ou falta de ar nos pulmões,
E' causa mais que bastante
Para mortaes convulsões.

Meditai no vosso fim,
Lembraí-vos da eternidade,
Olhai para estas chammas,
Tende de nós piedade !

N'este forno abrasador
Nos está sempre a coser
Fogo activo—devorante,
Sempre em chammas, sempre, a arder !

E' um carcere medonho,
Com ferreas portas cadentes,
Que não podetu ser abertas
Por nossas mãos impotentes.

Mas vós podeil-as abrir
Com a chave da oração,
Abri-as por caridade,
Tende de nós compaixão !

A Jesus e á Maria
Orai por nós, sem cessar,
Dai esmolas, ouvi Missas,
Ide por nós commungar.

Para tirar-nos d'aquí
Fazei toda a diligencia,
Alcançai e applicai-nos
A plenaria indulgencia.

E assim nos livrareis
D'estas penas cruciantes,
E para vós alcançareis
No céu coroas brilhantes.

Se agera fordes por nós,
Por vós seremos tambem,
E em breve nos veremos
Na Santa Jerusalem.

A. G. O. S.

(Da Civilisação)

REVISTA DO ESTRANGEIRO

Correspondencia Europea.

Paris, 11 de Dezembro de 1882

A França acaba de perder dois homens cujo nome era celebre até além da Europa: o advogado Lachaud e o tribuno Luiz Blanc.

A reputação de Lachaud data de 1840, e nestes 42 annos não fez mais do que crescer e confirmar-se. Naquella epoca, uma joven Senhora, Maria Capelle, casada com certo Lafarge, foi accusada de ter assassinado a seu marido, dando-lhe pequenas doses de arcanico. A ré era joven, formosa, intelligente, dotada de todos os predicados que namoram um coração e enleiam amante. O marido—era um ente brutal e ignorante.

Antes de ir sentar-se na bancada dos reos, quizera o acaso que essa senhora ouvisse um arrasoado do novel advogado Lachaud. Quando foi presa dirigio-se a ella, pedindo-lhe que a defendesse. A causa foi estrondosa. A Europa inteira acompanhou apaixonadamente os debates. O nome de Lachaud foi apregoado por todos os jornaes. O advogado da provincia, de posse de uma nomeada prematura, veio para Paris, e nunca mais houve causa celebre na jurisdicção criminal sem que Lachaud fosse chamado. Em 1869, foi elle que se encarregou da defesa do famigerado Troppmann, assassino da familia Kinck composta de 7 pessoas. Em 1873, foi elle ainda quem defendeo ao marechal Bazaine perante o conselho de guerra de Versalhes presidido pelo duque d'Annamte, tio do conde d'Eu, e filho do finado rei Luiz Felipe.

Muitas vezes Lachaud conseguio a absolvição de réos que a opinião já havia condemnado. E' que Lachaud possuia em grão eminente a facultade de commover os jurados: dirigia-se a elles, implorava-os, chorava, enternecia-os, e, por fim, arrancava-lhe o réo que o cadafalso ou a cadeia reclamavam. Lachaud era honapatista; em 1869, nas ultimas eleições do reinado de Napoleão III, foi candidato official contra Julio Simon, mas não logrou ser eleito. Contudo, no fóro só contava amigos e admiradores, e, entre elles, o Sr. Gambetta com quem por vezes mostrava-se passeando de braços dados.

Luiz Blanc, cuja morte remata uma carreira politica de meio seculo, não pode ser apreciado com induldencia. Ahí está um homem que, ao morrer, é renegado por todos os partidos até por aquelles intransigentes a quem capitaneou por largos annos; um homem que possuio dotes extraordinarios da intelligencia, um homem que lutou meio seculo na sua terra ou no exilio pelo triumpho das suas idéas e theorias, e que, entretanto, desaparece da scena politica sem deixar nenhum vacuo. Rhetorico habil, orador apaixonado, escriptor castigo e emphatico, Luiz Blanc é o typo dessa raça infecunda que se alimenta com vocabulos sonoros, que se embriaga com periodos pomposos, e que menoscaba as transações e realidades contingentes da vida social, onde tudo é relativo. Luiz Blanc vivia moralmente num mundo ideal que certamente não seria melhor que o mundo actual se fosse possível realisalo. Preconizou a igualdade dos salarios. Todo o seu socialismo resume-se nesse absurdo economico que os proprios trabalhadores rejeitam com indignação e terror, e que só os preguiçosos e incapazes podem preconisar. A sua « Organização do Trabalho », obra de mocidade, foi aceita com curiosidade, mas nunca foi posta por pratica por nenhum grupo de trabalhadores. As suas conferencias do palacio

de Luxemburgo, em 1848—onde elle saudava os operarios chamando-os *pares do trabalho*—terminara por barricadas que o levaram ao exilio, depois de condemnado. Luiz Blanc, refugiado na Inglaterra, consagrou-se a trabalhos historicos. Rematou a sua « Historia da Revolução » que nunca foi popular como a sua « Historia de dez annos », vigoroso pamphleto contra a burguezia em geral e a monarchia de Luiz Felipe em particular. Luiz Blanc escrevia como Robespierre fallava. A sua phrase andava atrazada de um seculo. Os nossos tempos não tem bastantes lazeres para admirar phraseologia. O q' todos confessam, porem, e que não devemos deixar de encarecer é que Luiz Blanc foi sempre um homem de bem em toda extenção da palavra. O seu nome nunca teve uma unica mancha, embora andasse sempre mettido nas luttas partidarias. Viveu honradamente na mediocridade aurea que conquistara com a sua penna. Só queria a dois entes nesta vida: sua mulher, uma senhora ingleza, e seu irmão, Carlos Blanc, o afamado critico de bellas-artes. Desde que morreu, Luiz Blanc cessou de viver: só vegetava, triste, pensando na morte. O Estado vai celebrar as suas exequias. O povo acudirá ao seu sahimento, porque se lembra do muito que elle quiz fazer por elle.

SECÇÃO LIVRE

Resposta dada ao Sr. Dr. Antonio Coelho Rodrigues pelo Sr. Dr. Manoel Rodrigues de Carvalho.

(Continuação do n.º 287).

V

Censurando minha conducta politica e respondendo á minha *pastoral* (para servir-me de sua *espiritua* palavra) o Dr. Coelho Rodrigues faz-me carga ainda em outros pontos, que eu colleccionarei, segundo a nomenclatura dos que deixo discutidos no artigo precedente.

10.º—«Que a minha disciplina de tarimba cifrava-se em avisar ao chefe do partido—de que eu só obedeceria a certa e determinada ordem.

11.º—«Que a disciplina de tarimba devia dispensar os abaixo assignados relativos a eleição vindoura.

12.º—«Que eu preveni ao Centro—de que, sem um accordo previo com o Dr. Polidoro, nenhum outro conservador poderia triumphar.

13.º—«Que eu, contando com a força do meu candidato e com o meu proprio prestigio, não deveria fazer ameaça sobre o segundo escrutinio, se Jaicós não lhe desse o terço da votação conservadora.

14.º—«Que, em quanto eu podia

aos dois dos mais importantes chefes conservadores que me salvassem da difficuldade creada pela concurrencia de S. S. com o Dr. Polidoro, trambava obter o terço conservador de Jalcós, a votação toda de Picos e os votos liberaes de Oeiras e de Valença por influencias occultas.

15.º—«Que não procedi bem em deixar de dizer-lhe com franqueza—«fez mal em contar com o meu apoio, porque só o despeño em favor dos catholicos, e consta-me q' Ve. não o é.»

16.º—«Que procedi à falsa fé, como um inimigo desleal e cruel.»

17.º—«Que os meus argumentos nem mesmo eram coherentes; porque se um ministerio conservador processou e prendeu dous Bispos, outro amnesty-os; e se tem havido liberaes inimigos da Igreja, tambem os temos vistos amigos até o fanatismo.»

18.º—«Que a salva-guarda dos privilegios e regalias ao nosso Clero foi a politica dos Zacharias e dos Candido Mendes, que converteram a fé em campo neutro, onde todos os crentes se podião dar as mãos e combater em common, apesar da differença dos rotulos dos partidos politicos.»

19.º—«Que, convertendo-se em arena de combate esse campo neutro, determinar-se-hia para um dos partidos a fatalidade de ser inimigo da Igreja, e que este partido, segundo a estreiteza de minhas vistas, seria constituido por todo o partido liberal e por todos os conservadores da constituição, formando a maioria da nação.»

20.º—«Que por dever de sinceridade S. S. disse ao tenente coronel Pinheiro que o motivo invocado na sua declaração publica era insufficiente para justificar sua conversão ao partido conservador, pois havia muito liberal fiel e muito conservador impio.»

Ao 10.º—Grande foi o escandalo que causou ao Dr. a minha *disciplina de tarimba*! De certo porque, desta vez, convinha-lhe que a minha expressão fosse entendida em todo o rigor do Conde de Lipe, e que, como este, soffresse eu as penas do inexoravel regulamento—*fosse arcabuzado pela sua velha guarda!* A interpretação é de juriconsulto abalisado; e eu quero respeitá-la.

Mas neste caso—se eu não posso empregar a expressão *disciplina de tarimba* por figura que lhe suavise a terrivel significação que importou a morte do pobre Lipe—requeira ao *generalissimo* do exercito conservador em operação n'esta provincia que mande ao seu *lugar-tenente* um espadão... de «Rolando furioso;» mande estender as *brigadas*, formar as *divisões* em grande *parada* &—para receber a nova bandeira que deverá guiar os seus bravos ás preditas glorias da *Inquisição pelo avesso*.

Quando eu tiver jurado sobre esta bandeira, suggestar-me-hei á sua interpretação sobre a minha disciplina de tarimba, e me resignarei á que S. S. mande rufar-me pelas costas os tambores do Poity, como se faz nos exercitos aos expulsores *por infame*.

Por ora, não Sr.: não tem o direito de me submittêr á *conselho*; e o rufar de seus tambores só poderá avultar o *apparato* do meu *exodo* da communhão do seu partido. (Assim faz quem póde e quer tudo perder ou deixar tudo por aquelles a quem tudo deve).

E se não lhe agrada isto, proponho outro alvitre, lavre uma *ordem*

do dia, prohibindo que a «Epoca» empregue mais as palavras—*general exercito, arraial* &, assim de que os propensos á revolta não possam sophismar o seu *conde-lipe*, arrogando-se a faculdade de entendê-lo e praticá-lo, como em differentes epochas tem entendido e praticado S. S.

Em quanto tal não fizer, tenha paciencia, tolere que eu faça a minha *tarimba* mais macia, com o mesmo direito de que usão seus admiradores.

Entretanto não se exaspere o Dr.—*as caixas destemperadas* não devem abafar a voz de uma defeza legitima. Em consideração á sua alta prosapia e aos poucos amigos que me fazem honra no partido conservador, vou defender a minha disciplina especial, até porque ella é tão necessaria á conveniencia das relações entre todos os membros de um partido, como á manutenção da dignidade de cada um e de sua legitima independencia, dentro dos limites de uma subordinação razoavel á razão de interesse common.

—*Sem fim profano*, independente do nome de Deus e da sombra da *Religião*, eu me havia comprometido (comigo) mesmo—bem entendido) pela candidatura do Dr. Polidoro; e com quanto em mim estivesse resolver a difficuldade entre este compromisso e a vontade dos chefes do partido, sem comprometter a disciplina, eu preferi render uma fineza, e peço que d'essa difficuldade me *salvassem*. Isto vem tão explicado em minha carta politica, que não posso afinar á que proposito transcrevo o Dr. em sua correspondencia o respectivo trecho—só por *amollação* ?!

«O pior cego é o que não quer ver: *deite-lhe agua* se quer mais claro; e depois... pegue-lhe com um *trapo quente*».

A razão *philosophica* de minha legitima divergencia dos organisadores da chapa de 1881 consta das seguintes palavras:—«O partido conservador da Piauhy não está organizado; não tem regulamento em vigor; não é entidade collectiva legitimamente constituida, em quem devem ser respeitado o character official.

«O «Centro», respeitavel, como é, não pode aspirar a mais do que as honras devidas á uma reunião de notaveis do partido, operada á impulsão de movimento individual, sob a presidencia de um chefe aclamado por geral sympathia, e d'antemão assignado por seus relevantes serviços e pelo immenso prestigio de sua familia, &.

«E sendo a espontaneidade o principio de sua existencia, não é de admirar que pretenda elle agora subsistir pela coacção ?

«A subsistencia pelo mesmo principio que lhe deu o ser seria mais razoavel, menos precaria e sobre tudo o insentaria da pecha de contradictorio consigo mesmo.

«Com effeito, em que funda o Centro a sua pretensão de imperar ao electorado conservador uma chapa organizada sem audiencia previa das legitimas influencias locais ? e a sua faculdade de pensar preferir e resolver por tantos individuos, em quem a lei reconheceu, iguaes prerogativas, e á quem garantio a sua livre manifestação ?» (Carta cit. p. 13).

O modo porque entendi que «para o bem de todos» se deveria facultar o direito fundado *n'esta razão*, expendi-a nos seguintes termos:—«Me parece que os *generaes* em vez de calcularem medidas de repressão, cu-

jos effeitos serão necessariamente negativos, deviriam antes preparar o congraçamento do partido com a particularidade divergente no ultimo escrutinio, deixando livre no primeiro a manifestação de sympathias á este ou áquelle candidato, tão generosamente que nenhum de nossos coreligionarios pudesse receiar o desgosto dos chefes, nem o discreditado de seu aferro á disciplina. Desta sorte os apologistas de um candidato, contentes com a honra que este entusiasmo os arastaria por cima das barreiras levantadas por antigos desgosto, ao seio do gremio de que desertaram.

«E os seus apologistas, não podendo receitar a sorte dos vencidos de Roma, jungidos ao carro dos Scipioes e dos Cesares, por sua humilhação á gloria dos triumphadores, não poderiam sentir transformada em despeito contra o Coelho a dedicação actual á sua pessoa.

«Então o ultimo escrutinio seria como simples formalidade legal á ultima de mão dada sobre o campo inimigo, ressoando em o nosso—hymnos de victoria !

«A lei havia prevista as difficuldades em que nos debatemos, como tantos outros politicos em todo o imperio (ainda bem que não fomos nós quem inventamos a moda) e remediou-as.

«O meu estimavel e mui prestimoso amigo tenente-coronel Odorico Brazillino de Albuquerque Rosa apontou-me esse remedio em data de 6 de Maio, dizendo:

«O partido conservador ou tem maioria sobre o liberal ou não tem.

«Se não tem, pouco vale que por elle se apresente um ou dez candidatos, porque a perda será a mesma, sendo maior o numero dos prejudicados; se tem, pouco importa tambem que concorram muitos candidatos, por que não obtendo todos, quer os do nosso partido, quer os do contrario (o liberal) a maioria dos votos dos electores que concorrem á eleição, proceder-se-hia á uma segunda, vinte dias depois, na qual somente poderão ser votados os dous cidadãos que na primeira tiverem obtido maior numero de votos, e n'este caso será eleito o que então alcançar a maioria dos votos apurados—seja qual for.»

Essa linguagem do bom senso, podem...

«*Meliora video deteriora sequor !*

«Nem por isto (fallava eu ao Dr. Polidoro) sua apresentação deixou de ser considerada crime de alta traição, extensivo á todos os seus adeptos, altamente prejudicial á disciplina do partido, e eminentemente contagioso e digno da repressão !

«E o remedio que só contra a gangrena se applica; foi proposito aos conservadores, como medida de salvação !

«Quizeram alijar-o da barca que só deverá conduzir Cesar e sua fortuna; fechar a unica valvula, por onde podia expandir-se o sentimento catholico da provincia; reduzir os seus amigos ao papel automatico de *macacos da Carcamano*; e que a exemplo dos deputados do Cairo, não ha muito citado por um deputado de Minas, comparecessemos aos comicios eleitoraes, como aquelles ao parlamento—*simplesmente para saber das ordens e da vontade do Vice-Rei*.

«Foi só por isto que uma proposta de accordo tornou-se medida necessaria. Se não, para o que? sendo os dous competidores amigos que, zelando

do conveniencias reciprocas, iam por caminhos diversos abraçarem-se em um determinado ponto, aonde os esperavam applausos unanimes de todos um partido victorioso e harmonizado ?!

«Se eu fosse *general* essa habilitade não invejaria.» (Carta cit. p. 14)

Entretanto nem por entender S. S. que o *systema facilitava exatamente o accordo, permittindo que dois candidatos do mesmo partido disputassem no 1.º escrutinio, sem prejuizo da victoria de um d'elles no 2.º*, nem por haver assim confirmado o meu modo de entender, e a opinião autorizada do tenente-coronel Odorico—quer ainda agora condemnar a minha disciplina ?!

A proposta de accordo tornou-se medida necessaria; e todo o partido comprehendia isto, e foi um adepto do Dr. Coelho Rodrigues membro distincto da importante familia Menles, o primeiro á tentar esta medida, tomando sobre si com a iniciativa della todos os trabalhos da execução. Mas nem por ter sido regeitada com desdenho essa proposta; nem por haver sido, á falsa fé, posta em duvida perante os meus amigos de Picos a sinceridade de minha promessa relativamente ao 2.º escrutinio, nem por havermos sido tão maltratados pelo orgão do partido ou em rodas de conversação eu e alguns dos meus amigos que sobresahiram na luta; nem por haver sido tão ostensivamente desprezado o nosso valor politico, nem por isso deixamos de votar n'este escrutinio,

conforme exigia a lealdade, a disciplina de tarimba e a consideração particular devida á amigos que souberam ser para conosco mais generosos. É geralmente sabido como me portei n'esta emergencia; combati desde principio a negação de alguns amigos meus á votarem no Sr. Dr. Coelho tendo até por isto dado-se um pequeno desgosto entre dous d'estes amigos; e como tivesse notado em um outro disposição para contrariar os esforços que eu então fazia pela candidatura de S. S. resisti com a energia e franqueza necessarias, fazendo á esse amigo comprehender que semelhante hostilidade importava um cheque á mim que tinha considerações a guardar para com meus amigos de Picos. Fiz uma viagem forçada, deixando uma doente da minha amizade, assim de que S. S. não perdesse o meu voto; um dos electores que me attendiam (o Sr. Emigdio Mauricio) e q' morava á grande distancia, recebeu dois ou tres positivos com outros tantos cavallos adestros, enviadas por ordem do meu cunhado João Damasceno, para prevenir qualquer falta; o Dr. Lindoro Rego poderá dar testemunho das reiteradas instancias com que eu e o mesmo meu cunhado pretendemos resolver-o a votar em S. S. Por isto pode com verdade dizer «Não concorri para esta derrota; ao contrario, envidiei todos os meios que de mim dependiam, assim de evitá-la.»

«D'isto me glorio; paguei o tributo de fidelidade devida á disciplina de tarimba, fazendo aos meus chefes na pessoa de seu candidato a minha venia de despedida.» É como «eu e os meus amigos votamos no Dr. Coelho Rodrigues por motivos mui alheios ao desejo de agradar aos que nos escarnekem e ostentam desprezo por nosso valor politico» (manifesto cit.)—força é que o Dr. reconheça em mim uma disciplina com S. S. nunca observou, uma docilidade a consideração

de serviços e finezas recebidas que S. S. nunca soube guardar, para com a immensa maioria dos que têm pretegi-do a sua boa fortuna.

S. S. diz que, no caso, de ser a sua candidatura perdida no 1.º escrutinio, o Dr. Polidoro e eu que campeassemos *sosinhos* no 2.º pois os titulos pelos quaes o Dr. Polidoro obteve votação dos liberaes, seriam os mesmos pelos quaes os conservadores lhe a negarião. (6)

Mas, *sosinhos* como, Sr. Dr.? Se a disciplina dos partidos, o interesse commum, a lealdade, a reciprocidade devida á uma interção recta—exigiam que S. S. e os seus amigos vissem todos combater ao nosso lado, pelo triumpho da causa conservadora, como eu e o Dr. Polidoro poderiamos campear *sosinhos*? Será a traição a disciplina pela falta da qual S. S. se mostra tão magoado? Pois eu prefiro a que adoptei, como mais compatível com os principios de justiça e com os sentimentos mais nobres do coração.

(Continua.)

Administração da provincia

O pseudo chefe do partido liberal, pseudo Directorio, pseudo redactor da *Imprensa*, o *hemem-tudo*, está por tal forma amuado que não quiz, nem de leve, tocar no nome d'este jornal, nem responder os artigos de sua redacção, e muito menos dar as explieções exigidas pela alluvião de liberaes, que lhe surgem de todos os cantos, como fantasmas aterradores diante de uma consciencia criminosa.

Tambem, coitado! vê-se o homem atrapalhado com tantos empregos, uns visíveis outros invisíveis, além do proprio expediente (na frase do Chico-Lumbriça) que é difficil chegar-lhe o tempo para tanto.

Demais, o que dizer? Como refutar tantas accusações tão bem fundadas? Como contestar a verdade dos factos apontados?

Porque modo justificar os innume-

(6) Esse agora é boa! Pois então o partido que pode vencer a eleição com alguns votos do adversario, dados espontaneamente, rejeita esses votos por virem de casa estranha, e resigna-se a perder o pleito? Onde já se viu isto?

O Sr. Dr. Coelho em 1872 teve a votação liberal quasi toda, e com semelhante auxilio pouco faltou para derrotar a chapa do seu partido. Não obstante coitadinho e continúa a solicitar o apoio dos conservadores e a julgar-se merecedor da confiança dos mesmos.

Ha, porém, esta differença entre os dois. S. S. combinava a meia noite com o chefe liberal sobre os meios de dar ganho de causa a chapa liberal; conspirava contra o seu partido, e queria vel-o aniquillado por amor de sua pessoa. O Dr. Polidoro conservou-se no seu posto; não tramou, nem mendigou a votação de seus adversarios naturais; se alguns votos obteve foi isso devido a affectuosidade de seus parentes e amigos particulares, os quaes não lhe pediram, em retribuição, o sacrificio de suas crenças ou mesmo o mais pequeno auxilio para a chapa adversa. Entretanto os titulos pelos quaes o Dr. Coelho mereceu a confiança dos liberaes devião ser aceitos, sem desar, pelos conservadores, mas aquelles pelos quaes o Dr. Polidoro mereceu a mesma confiança, em ponto muito menor e sem a aggravante de traição, esses devião afastar-lhe a votação conservadora no 2.º escrutinio!

Ainda mais: na ultima eleição o Sr. Dr. Coelho conseguiu, por intermedio do Dr. Demosthenes, 8 ou 10 votos liberaes: que- rerá por isso que na eleição vindoura os conservadores lhe deixem de dar votos? Sempre a paixão a fallar pela bocca do interesse!

ros abusos de um estonteado que dá por paos e por pedras?

E' realmente difficil a missão do redactor *anonymo* da *Imprensa*.

Defender os actos de uma entidade que se julga acima da lei, de um typo que entende estar fazendo favor ao governo, que se considera necessario e que, portanto, pode fazer o que quizer sem dar satisfação a ninguém. não é tarefa de pouca monta que possa ser desempenhada por quem dispõe de poucos recursos e pouco tempo.

Além d'isto, para que gastar cêra com tão ruim defunto?

A bisca é tão boa que até a *Imprensa* parece pouco zelosa em defendel-a; não lhe merece sacrificios.

Por isso a *Imprensa* o entrega indefeso a discreção do inimigo; elle que se arrume como puder; já que é incorregivel, é justo que soffra a punição de seus delictos.

Qualquer que seja, porém, a causa do silencio da *Imprensa*—ou por desprezo que nos vote, ou por lhe merecer pouco a actual administração da provincia, ou por não poder refutar a veracidade dos factos apontados, isto não nos demove da marcha que encetamos.

A *Imprensa*, em seus dois primeiros artigos, sahio-se com uma altivez e arrogancia extraordinarias, ameaçando-nos até, como se tivéssemos medo de seus arreganhos; entretanto agora emmudece vergonhosamente; isto chama-se simplesmente ronpante de leão e parada de...

Pois bem; o inimigo que cobardemente põe-se em fuga deve ser perseguido até dentro de seus proprios arraes.

Pertanto, fique certo o redactor *anonymo* da *Imprensa* que, em quanto tivermos o desgosto de ver na presidencia d'esta provincia o Sr. Miguel de Castro, havemos de por-lhe a calva á mostra, dando publicidade aos seus desmandos.

Se a *Imprensa* não quizer defendel-o, peor para elle que apanhará calado.

Infelizmente parece que isto durará pouco tempo, porque consta que S. Exc. envergonhado do papel que aqui tem representado, solicitará a expedição de um telegramma chamando-o ao Ceará á toda pressa.

Se tivermos a fortuna de ver bem longe de nós semelhante bisca, daremos por finda a nossa missão, mas havemos de contar-lhe a nenia, passando uma vista retrospectiva sobre a sua *fertil* administração.

Antes disso, porém, não podemos parar; tenha pois, paciencia o redactor *anonymo* da *Imprensa*; sabemos que S. S., enfezado como é, ha de soffrer muito com isto, ha de passar dias inteiros sem comer, trancado n'um quarto, mordendo-se de raiva, mas não lhe podemos dar remedio; a culpa é sua por ter usurpado funcções que não lhe competião; quem planta & colhe, meu Dr.

Arma se pois de calma para ouvir ainda algumas arbitriedades do homem que *felizmente* nos governa.

Na ultima viagem de S. Exc., logo que chegou a Parnabyba, exigiu que o vapor, em que ia, prosseguisse até a Amarração, pois estava ansioso para ver a cara metade. O Agente da Companhia achou razoavel o desejo de S. Exc., que estava já a muitos dias longe da familia, por isso consentio no que pedia; porém disse-lhe que era preciso esperar algumas horas em-

quanto se descarregava o navio. S. Exc. porém, tem a cabeça muito dura, não attende a razões, não se convence com a logica mais cerrada, não respeita leis, nem contractos; é vontade de ferro; quando quer, quer; baja o que convier.

Por isso disse ao Agente que fizesse seguir o vapor immediatamente, pois, não estava disposto a esperar que descarregasse primeiro, nem que- ria ir n'uma lancha á vapor, nem n'um escalor; só lhe servia o mesmo vapor, e isto com a maior brevidade.

Pondera-lhe, ainda, o Agente que os commerciantes reclamarião pela demora em receber suas cargas, as quaes corrião ainda o risco de um naufragio ou avaria d'ahi para a Amarração, sob a responsabilidade da companhia; que elle, portanto, não podia assumir tal responsabilidade, pois já fazia muito ariscando o barco depois de descarregado; que S. Exc. observasse, que o canal d'ahi em diante era mais estreito e raso, que portanto, estava em sua propria conveniencia preferir o vapor descarregado. Mas S. Exc., não attendendo a cousa alguma, ordena que o vapor siga immediatamente sob a responsabilidade do governo. Esta ordem era illegal, e como tal não devera ser cumprida, porque, em fide de contracto do governo com a companhia, o ponto terminal da linha é o porto de Parnabyba, não podendo portanto o governo exigir que os vapores sigam até a Amarração, que não é ponto de escala.

Houve pois uma exorbitancia de S. Exc.

Mas o Agente, sendo homem prudente, e não querendo lutas, porque sabe que em nosso Paiz a corda quebra do lado do mais fraco, mandou que o vapor seguisse logo deixando para descarregar quando voltasse no dia seguinte.

Vê-se d'ahi que S. Exc., por um simples capricho, não respeitou os interesses do commercio, não respeitou o contracto da companhia de vapores, e arriscou os dinheiros publicos, sem justificação alguma para este acto de prepotencia.

Estes caprichos de S. Exc. são muito frequentes, principalmente quando se-gundo affirma se, S. Exc. acha-se sob certos accessos, que lhe sobreveem geralmente depois do almoço ou jantar.

Diga-nos agora a *Imprensa*, com que direito S. Exc. violou o contracto da Companhia, com que direito produziu ao commercio, e com que necessidade arriscou os dinheiros publicos?

Qual a razão de Estado, qual a necessidade publica, que justifica essa arbitriedade de S. Exc.?

Se houvesse um naufragio, ou uma simples avaria, quem pagaria o prejuizo?

O Estado, sem duvida alguma. E com que direito S. Exc. malbarata assim os dinheiros publicos?

Entretanto é este o presidente que se chama modelo, denominação que aceitamos, mas se for griphada.

S. Exc. é tal, que não respeita lei alguma, nem mesmo a Constituição do Imperio, como já deixamos provado por innumeros factos em nossos artigos anteriores; mas, como diz o proverbio latino—*quod abundat non nocet*—vamos citar ainda o seguinte facto em apoio de nossa asserção:

Todos sabem n'esta cidade, que, nos impedimentos dos Srs. Drs. Co-

lin e Helvidio d'Aguiar, occupou o Sr. capitão Raymundo Antonio Borges accumulativamente os lugares de Procurador-discal de archas as repartições — thesouraria de fazenda e Thesouro provincial. Entretanto, pelo Aviso de 29 de Fevereiro de 1856, é isto inteiramente vedado.

Este Aviso é assignado pelo Sr. Marquez de Paraná e dirigid á Presidencia de S. Paulo, incompatibilizando os empregos d' Fazenda com os do Thesouro provincial, mencionando especialmente o cargo de Procurador-discal de archas as repartições.

Mas, que se diga, Sr. Miguel de Castro com Agente da Esc. que não respecta nem a Constituição de Imperio?

Prossigo Exam, vai muito bem.

Outro liberal.

13.ª Carta de um vaqueiro á seu patrão.

Meu amo.

Nem a pé, nem montado na brivan- na, estou fazendo esta a *vamicé!*

Tendo a minha cambota segura nas rêdias e *quillinas*; o pé esquerdo no estribo e a mão direita d'outrando no papel, sobre o *cuchinho* da sella, represento exactamente a posição do frei Miguel, no governo d'esta infeliz felteria.

Recebeu elle uma carta pelo arame do Ceará, em que algum disse-lhe, que, sem demora alguma e sem attende consideração do qualquer natureza, accudisse, quanto antes, aos seus interesses pecuniarios, que se achão metendo de cabeça dentro da barriga da burra d'um certo titular. E como o convite cheira a *zinabre*, elle o deve ter recebido de joelhos.

Corre, por isso, como certo, que lá mesmo na Parnabyba, passará a vara—no doutor Firmino Martins, que breve estará por aqui.

O doutor Cancio-Barbado, que amolava o bico para fudir a lei e os direitos sagrados de seus adversarios politicos, e mesmo dos liberaes ex-commungados, ficou botando terra no lombo com semelhante noticia, que lhe fez coccéis no alto do entendimento, e...

Em primeiro lugar: porque, se o frei Miguel não fosse tão passeiador, teria recebido o *telegramma* aqui, lhe passando omanguá, como 3.º vice-feitor, que é; e então, enquanto o pão fosse e viesse, tiraria tambem seu ventre de miseria.

2.º Porque aquelle já estava bem encabrestado, e brando de rêdia no aceiro de seus indecentes caprichos.

3.º Finalmente, por ter perdido, talvez, a ultima occasião asada, de mais uma vez provar aos negriuhos, para quanto valem duas braças o meia de rasca de vacca, encastoadas em metro e poco de vara, nas mãos que calção as *luvas de pelica*; e com o rabo do manguá escreveria na historia politica desta terra, já por si tão achineitada, os versinho que abai-xo meu patrão vai ver enrabados:

CONFISSÃO.

- « Deixo aqui meu nome escripto
- « E não pôde morrer,
- « Trajado o Piahy,
- « Menho gesto d'o escrever.
- « Rigem dos grandes males,
- « Recordados com prazer.

« Combati contra o direito,
« Justiça, a equidade.
« Não pratiquei um só acto
« Com visos d'honestidade !
« Perfidia foi minh'arma: —
« Matei a moralidade —

« Brandindo na feitoria
« Taca, sem piedade,
« Representei meu papel
« Brandindo a perversidade... »
« Margem veja o leitor,
« Dos annaes Piaubyenses,
« Nome d'esse feitor.

Assim, meu amo, ficou o cuido re-
ferido Doutor Sedêa, redusido ao seu
proprio expediente... na quinta do
correio !

Mas antonce voltemos ao frei Mi-
guel Moyses de Castro:

Na sexta, e talvez ultima viagem á
Parnahyba, que fez, sendo no cami-
nho atacado de furor—dançante, e
não achando a bordo os elementos
necessarios para as quadrilhas de
can-cão, aproveitou-se da pequena
demora de vapor no porto do Miguel
Alves, para recrutar as pobres mocin-
has que por alli houvessem !

E se eu contar a meu patrão a is-
tucia que empregou para isto, é que
vancê arrancará os botões da cerola
de seri.

Aquelle frei Miguel...

Ah! home encartado do juizo ma-
lino!

Saltou em terra, meu amo, desfar-
çado em agiota de voluntarios para a
Armada, e derigindo-se á casa do
velho Ricardo Xavier, o comprimen-
tando affectuosamente, assim lhe fal-
lou:

« O' meu velho ! O presidente,
« Querendo a bordo dançar,
« Mõças honitas, faceiras,
« Mandou-me em terra buscar.

« Por tanto, se você tem
« Este bicho por aqui,
« Bote p'ra fora depreça,
« E sigão já por alli.

« Meu branco— responde o velho—
« Eu não tenho filhas, não.
« Nem aqui ha quem entenda
« De quadrilhas de can-cão.
« Estamos a custumados
« De dançar só no baião... »

« Tudo serve. O presidente
« O frei Carnaval replica—
« E' velho: mas não s'entrega;
« E' homem que não tem nica.

« Vá me levar nessas casas,
« Onde houver gente de saia:
« Brancas mças, e caboclas,
« Nenguem escapa da baia ! »

Aqui o velho toma a circanga
mais nova, calsa as botinas de trez
cabrestos, e sae com o frei Miguel
rasgando mata-pasto, pelos fundos
dos quintaes, alarmando os pacificos
moradores d'aquelle pobre porto, que
nunca sonhãõ de receber uma visita
de tanta honra.

Mas porém desconfiados, como é
todo matuto, quando vê gente de
vela no pescôço, corrião do frei Miguel
como o diabo da Cruz. As mulheres,
lutando a saia nos joelhos, espirra-
ão pelos quintaes, como piabas por
malhas de tarrafa, por mais que o
frei Miguel gritasse:

« Não corraõ matutas,
« Não corraõ assim !
« Dançemos a bordo,
« Tenhão pena de mim ! »

Qual meu patrão ! Mulher depois
de tomar o cabresto no lombo, faz
cachorro ganir no fundo !

Neste entretanto o commandante,
tendo já arrumado no vapor a lenha
de que precisava, mandou apitar; e o
frei Miguel appareceu todo verde de
mata-pasto, suado e vermelho, como
quem tivesse arriancando um tati pelo
rabo !

Triste como uma rez que muda-se
de pasto, entrou no vapor, sentou-se
no chapéo do velho Quinderé, e ex-
clamou:

« Minha terra tem mais vida !
« Milhor vida passo lá.
« As mças d'aqui são velhas
« Nas danças do Ceará !

E o vapor, largando os cabos, des-
ceu as aguas toldadas do Parna-
hyba.

Passemos agora a coisas mais sé-
rias:

Antonte demenhansinha bem sedo,
encontrei dois presos encangados com
uma corrente pelas ruas da cidade,
acompanhados por dois curingas, con-
duzindo, cada um d'aquelles, um gran-
de feiche de lenha na cabeça !

Ficando admirado d'isso, porque
tenho ouvido dizer que essa gente
só pode ser empregada em trabalhos
publicos, e desconfiando que a lenha
seria para vender, risquei a brivana,
e disse: ainda que mal pergunto, com
licença da má palavra, falando com
pouco ensino, vaminçs dá onde
vém ?

Eles responderão:—Da beira do
Puty.

E para que é tanta lenha ?

—E' para seu Dr. chefe fazer umas
pamonhas...

E continuando meu caminho fui di-
zendo com o botão de meu chapéo:
—O homem agora parece que es-
tá economisando d'esta forma, é para
pagar aos medicos; a Santa Casa de
Misericordia; o excesso da verba se-
creta e & e tal...

Deus o ajude, e a mim não des-
ampare.

Isto decididamente é por causa do
annuncio do « Semanario ». Mas qua-
se todos os amigos não têm docu-
mento. Um ou outro, passado na casca
do angico, foi que arranjou um bilhe
de obrigação.

Além disso lhe será facil sair de
todas as difficuldades, negando as
dividas. E, se por ventura, lhe fal-
tar a necessaria energia, tome em-
prestada, para isto, a cara de um dos
seus maiores amigos, da instrucção
publica; e tudo ha de ser arranjado.

Aqui fico, meu patrão,
Até sabbado que vem,
Que será occasião
De arengar-lhe também,
Se colher informaçõ
Sobr'um factõ que ninguem
Inda deu-me explicaçõ !

O Chico-Lumbriga.

Editaes.

O cidadão Livinio Monteiro de Oliveira
Lima, 2.º juiz de paz da parochia de
N. S. do Amparo desta cidade de The-
resina, do quadriennio findo &.

Faz publicamente saber conforme o art.
231 do Reg. que baixou com o decreto n.º
8213 de 13 de agosto de 1881, na falta dos
juizes de paz do quadriennio corrente, ain-
da não juramentados e empossados, que
nos termos dos arts. 97, 98, 124, 125 e
206 do mesmo Reg., art. 22 § 3.º da Lei n.º

3029 de 9 de Janeiro do referido anno e
officio de S. Exc. o Sr. presidente da pro-
vincia de 20 do passado, no dia 5 de mar-
ço vindouro tem de se proceder nesta pa-
rochia a eleição de um vereador para pre-
enchimento da vaga deixada por falleci-
mento do capitão Silvestre Ferreira Torres;
pelo que, de accordo com as disposições
citadas, convoco os Srs. Severino Lopes
de Souza, Firmo Gonçalves Pedreira e
Custodio da Costa Marques 1.º 2.º e 3.º ju-
izes de paz desta freguezia, assim como os
Srs. Livinio Monteiro de Oliveira Lima e
João Robertson, immediatos ao 4.º juiz de
paz da mesma, para comparecerem as 9
horas da manhã do dia 4 do referido mez
de março na sacristia da Igreja Matriz de
N. S. do Amparo, desta cidade, do lado do
norte, lugar designado pelo governo, a fim de
installar-se a mesa eleitoral do collegio; de-
vendo com a divida antecedencia, qualquer
cidadão convocados participar seu não com-
parecimento para os fins convientes.

Outro sim, pelo presente igualmente con-
voco a todos os eleitores d'este collegio a
comparecerem nos mencionados, dias no
lugar e horas indicadas, a fim de assisti-
rem a installação da mesa do collegio elei-
toral e darem seus votos na eleição a que
se vai proceder; não podendo cada eleitor
votar em mais de um nome.—E para que
chegue ao conhecimento de todos os inte-
ressados este será affixado no lugar do cus-
tume e publicado pela imprensa.—Eu Fran-
cisco de Carvalho Rios, escrivão ad hoc
deste juizo a escrivi e subscreevo.—Ther-
esina 16 de Fevereiro de 1883.

Livinio Monteiro de Oliveira Lima.
2.º Juiz de Paz em exercicio. (1)

(1) Reproduzimos este edital por ter
sahido com erros no n.º 287 deste jornal.

ANNUNCIOS

—O Padre Thomaz de Moraes Rego
vende as suas moradas de casas,
sitias a rua grande, e praça do Sarai-
va—desta cidade. O annunciante fará
negocio a longo prazo.

Quem as pretender pode dirigir-se
a esta typographia que achará com
quem contracte.

THERAPEUTICA

VINHO DE VIVIEN

De Extracto puro de figa-
do de Bacalhão.

Lá se vão alguns annos, um distin-
cto Facultativo propoz á Academia de
Medicina de Pariz uns extracto medi-
cinal de Fígado de bacalhão contendo
todos os principios constituintes acti-
vos do oleo, sem nenhum dos in-
convenientes que este apresenta.

Além de outras vantagens, esse
extracto permittia a continuação do
emprego dessa medicação durante a
estação calmosa, medicação que é
impossivel seguir no verão com o leo.
Após 18 mezes de experiencias nos
hospitales pariziense, a Academia, ten-
do ouvido um relatorio dos Srs. Drs.
Bouillaud, Poggiale e Devergie, de-
clarou que o extracto submettido á
sua observação continha uma enorme
proporção de principios activos. Ao
termos ultimamente esse luminoso re-
latorio (de 21 de Outubro de 1862),
perguntamos a nós mesmos porque
mctivo semelhante descoberta não
gosa fora de domicilio no nosso
arsenal de medicamentos.

Sobemos então que os aparelhos
empregados ordinariamente na prepa-
ração dos extractos eram imperfeitos,
e que o calor alterava rapidamente e
decomponha a propylamina, que não
existe nos fígados vivos.

Qual não foi, porem, a nossa ale-
gria encontrado um producto fabrica-
do com os fígados de bacalhão ! Tra-

ta-se de um extracto, obtido pelo
nosso collega Dr. Vivien por meio de
processos especiaes, e com o qual
fabrica o Vinho de fígado de bacalhão
de que é inventor e a que deu seu no-
me. Com esse extracto, devido a pa-
cientes transformações, o Dr. Vivien
prepara o seu Vinho, cujo gosto e
sabor não deixam suspettar a compo-
sição primitiva.

Derrame-se, porem, uma gotta
desse vinho na palma da mão; esfre-
gue-se as mãos, e incontinentemente sen-
tir-se-ha o cheiro propylamico carac-
teristico do extracto de fígados de
bacalhão.

Chamamos, pois, a attenção dos
Facultativos para essa excellente pre-
paração, capaz de reparar a pobreza
do organismo, de regenerar a massa
sanguinea, de moderar as perturba-
ções nervosas, e, em summa, de fos-
tabelecer a economia arruinada. Sob
uma forma aceitavel e um pequeno
volume, esse vinho é um medicamen-
to-alimento riquissimo. Realisa um
progresso sensivel no dominio da me-
dicina pratica, porque, como bem
disse o illustre Trousseau: « A me-
dicina não é nada; a medicação é tu-
do ! »

O Vinho de Vivien de extracto
puro de fígado de Bacalhão tem sido
objecto de aturadas experiencias nos
hospitales de Londres. O professor
Bird, que o experimentou, concluiu o
seu relatorio acerca desse precioso
productõ dizendo com a sua preoccupa-
ção ingleza: « Making flesh in a
marked manner—Elle cria carne de
um modo notavel ! »

Dr. Pol Vernon (de Pariz.)

Os abaixo assignados precisando
construir com brevidade algumas bar-
cas com a solidez necessaria para na-
vegarem no rio Parnahyba, desejo
que o seu cavername seja de madei-
ra piqui; e por tanto, fazem publico
para o fim de todas aquelles que qui-
zerem contractar com os annuncian-
tes a referida madeira de que neces-
sitaõ, venhão a esta cidade ou encar-
reguem a algum d'aqui para contra-
ctarem com os mesmos annunciantes
o numero, qualidade, condições e pre-
ço porque põem no porto desta cida-
de as referidas madeiras com as di-
mensões que lhes forem dadas.
Parnahyba 9 de Fevereiro de 1883.

Singlehurst, Nephew & C.ª

« Harmonia Theresinense »

—De ordem do Illm. Sr. presi-
dente da Assembléa Geral desta So-
ciedade conviõ todos os Srs. socios
a comparecerem as sete horas da
noite do dia 8 de Março proximo
futuro a rua grande desta cidade, em
casa do socio Rodolpho Martins Via-
na;—afim de ser presente ere Assem-
blea geral as contas do Thezoureiro
e Relatorio da Directoria referente
ao semestre que se finda n'esse dia,
conforme determina o § 1.º do art.
29 dos Estatutos.

Theresina 20 de Fevereiro de 1883.

O 1.º Secretario

Ignacio T. Alves de Paiva.

Um bom livro

Nesta typographia, e nos estabele-
cimentos commerciaes dos Srs. Ray-
munda Antonio de Farias, a rua
belia—e José de Sant'Anna—a praça
do Saraiva, vende-se o catecismo da
Diocese. 1 V. encad. 1000

Theresina—Praça Saraiva—1883